



## **Telejornalismo e Identidade em Juiz de Fora: a (re) afirmação da diferença na cobertura do Miss Brasil Gay<sup>1</sup>**

Iluska Coutinho (FACOM/ UFJF)<sup>2</sup>

### **Resumo**

A proposta deste artigo é refletir sobre a produção da identidade nos telejornais locais, a partir da experiência de Juiz de Fora/MG. A relação entre TV e município, no modelo brasileiro de rádio/teledifusão é reforçada diariamente pela veiculação de produtos jornalísticos. Autores como Hall e Bauman oferecem suporte teórico para a discussão da Identidade e, na reflexão proposta, dialogam com pesquisadores que estudam a televisão, e especialmente seu material jornalístico. A análise do discurso construído nos telejornais de duas emissoras locais oferece o viés empírico do trabalho.

### **Palavras-chave**

Telejornalismo local; Narrativa; Identidade; Dramaturgia; Perfil editorial.

Em 1969 entrava no ar o Jornal Nacional e com ele o modelo de transmissões de programas em rede nacional<sup>3</sup> e a perspectiva de “integração nacional” via telinha, instaurando no campo das telecomunicações a ideologia de segurança nacional. O acesso à tecnologia de transmissão, inclusive, foi viabilizado com a utilização de orçamento público, opção dos militares para garantir a difusão do sinal de televisão, e da ideologia de segurança nacional, por todo o território brasileiro: “(...)a TV realizou o sonho de integração nacional, agindo como ‘ponta-de-lança’ na implantação de uma mentalidade modernizadora do Brasil.” (Gleiser, 1983, p. 19).

A compreensão de modernização de acordo com o modelo implantado envolvia a transmissão simultânea dos mesmos conteúdos e das mesmas imagens por todo o país, o que envolvia a difusão também imediata de informações, noticiosas e/ou “educativas”, em um raciocínio claramente desenvolvimentista, perspectiva defendida pelos ideólogos do regime militar. Nessa linha se tornou célebre a afirmação atribuída ao então

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup> Iluska Coutinho é professora adjunto II do Departamento de Jornalismo da FACOM/ UFJF. Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura (UnB), doutora em Comunicação Social (Umesp) com estágio doutoral na Columbia University. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania, realiza investigações sobre os fazeres no Jornalismo Local e Telejornalismo, em projetos financiados pela UFJF e Fapemig. [Iluskac@uol.com.br](mailto:Iluskac@uol.com.br)

<sup>3</sup> A interligação via rede terrestre de microondas não atingia todo o território nacional. Até a década de 80, com a chegada do satélite, apenas as regiões sul, sudeste e parte do nordeste brasileiro possuíam



presidente Emílio Garrastazu Médici de que, após um dia extenuante de trabalho, se sentia tranquilo quando assistia todas as noites ao Jornal Nacional. Afinal, como salientou Ester Hamburger à propósito das relações entre a TV e os telespectadores no Brasil, “Enquanto a segregação social, econômica e cultural segmenta e divide a sociedade brasileira, a televisão acena a possibilidade de conexão, mesmo que virtual” (1968, p.485).

Mas, se por um lado a (re)união do país em rede nacional de TV atendia aos interesses do governo militar e também do ainda incipiente mercado publicitário, por outro esse modelo de teledifusão reduziu os sotaques e sabores regionais então presentes nas emissoras de televisão espalhadas pelo país. Organizadas em redes nacionais, as emissoras brasileiras desde então se reúnem por meio de contratos de afiliação. Nessa estrutura a significativa maioria dos conteúdos veiculados ao longo da programação é produzida pela chamada "cabeça de rede" e reproduzido pelas emissoras afiliadas, que estendem o sinal da rede por diversos estados e municípios, garantindo o alcance nacional.

De acordo com esse modelo as emissoras de TV que tem contrato com determinada "Rede de TV" reproduzem simultaneamente a programação gerada, ocupando com sua produção (local ou regional), espaços que são determinados de acordo com o contrato de afiliação. A exigência de produção de material audiovisual local é prevista em lei, embora sua fiscalização em geral também fique apenas no papel. Geralmente a produção realizada pelas emissoras afiliadas tem caráter jornalístico ou integraria a categoria informação, na classificação estabelecida por Souza (2004).

Nessa perspectiva, a proposta nesse artigo é refletir sobre as possibilidades de veiculação e/ou construção de uma identidade de caráter regional por meio dos telejornais locais veiculados em duas emissoras de televisão, uma delas afiliada da Rede Globo de Televisão e outra do Sistema Brasileiro de Televisão, TV Panorama e TV Alterosa-JF<sup>4</sup>, respectivamente. As duas emissoras de TV tomadas como objeto de estudo empírico na pesquisa macro “Dramaturgia do Telejornalismo Regional: a estrutura narrativa das notícias em TV” estão instaladas em Juiz de Fora, município da

---

interligação. Não por acaso é nessa região que há maior concentração populacional e também da renda nacional.

<sup>4</sup> Na verdade a TV Panorama é afiliada da Globo Minas, que integra a Rede Globo de Televisão, enquanto a TV Alterosa Juiz de Fora é afiliada da TV Alterosa, com sede em Belo Horizonte, que por sua vez é afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão(SBT).



Zona da Mata mineira em que a questão da identidade também merece reflexões. Mas de que concepção de identidade estamos falando?

### Sobre Identidade e Diferença

De acordo com Stuart Hall (1999) é possível falar em três ou concepções de identidade a partir de três formas de compreender o sujeito, e o mundo. Assim, haveria de acordo com o autor as visões de identidade correspondentes aos sujeitos: do iluminismo, sociológico e pós-moderno.

O primeiro deles, o sujeito do Iluminismo seria marcado pela crença na racionalidade e na compreensão de indivíduos “centrado, unificado (...) cujo “centro” consistia num núcleo interior (...)O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.” (HALL: 1999, pp.10-11). Com a complexificação do mundo emergiria o sujeito sociológico, marcado pela perda de autonomia do indivíduo, frente ao mundo social. O sujeito e sua identidade seriam constituídos na relação com o outro, na mediação social de valores, sentidos e símbolos, nas trocas culturais. Caberia a identidade, de acordo com essa concepção, o papel de preencher o espaço entre os mundos pessoal e público ou entre interior e exterior, a costura ou “sutura” ao sujeito à estrutura social e cultural na qual sua vida se insere.

Finalmente o sujeito pós-moderno ou contemporâneo, como talvez prefiram alguns, tem como característica de destaque sua fragmentação, sendo sua(s) identidade(s) mais fluída, algumas vezes contraditória...multimídia, para fazer uma brincadeira com a questão dos suportes, e de seus usos em tempos de convergência midiática. Ao invés de ser determinada de forma biológica ou social a identidade desse sujeito é estabelecida historicamente, sendo possível assumir diferentes identidades ao longo do tempo.

“A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) à medida que os sistemas de significação se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiantes de identidades possíveis” (HALL: 1999, p.13).

O autor destaca o caráter de simplificação na tipologia proposta e se detém na questão da identidade cultural do “sujeito fragmentado” e em especial na análise da



identidade nacional. As culturas nacionais seriam fontes de identidade cultural para os indivíduos na contemporaneidade, e uma das formas destes se definirem em relação aos outros. Hall ainda coloca em relevo a questão da representação, a partir da(s) qual(is) se construiriam os significados e valores, a própria idéia de nação.

E, ainda que se constituindo de acordo com Benedict Anderson como uma comunidade imaginada, a identidade nacional subordinaria as diferenças regionais e étnicas. No Brasil essa “narrativa da nação” seria construída especialmente a partir das emissões diárias das Redes de Televisão, de suas telenovelas e também telejornais. Na telinha os brasileiros além celebrar as memórias do passado, de perpetuarem sua herança (cultural) também reforçariam seu “desejo de viver em conjunto”, ainda que via laço social feito à distância, para tomar emprestada imagem construída por Dominique Wolton ao propor uma teoria crítica da televisão (1996).

Nesse sentido a programação das emissoras de televisão distribuídas por todo o Brasil, ao compartilhar simultaneamente os mesmos sons e imagens, acabaria por se constituir no dispositivo discursivo descrito por Hall que “representa a diferença como unidade ou identidade” (1999, p.62).

### **Referências bibliográficas**

Gleiser, Luiz. Além da notícia: o Jornal Nacional e a televisão brasileira. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983. 84p.

HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HAMBURGUER, Ester. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* (vol.IV)/ coordenação geral da produção Fernando A Novais; org. do volume Lilia Moritz Schwarz – São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.438-485

SOUZA, José Aronchi de. Gêneros na televisão brasileira. São Paulo: Summus, 2004.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público - uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1996.